

TIAGO

Introdução

Esboço

Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

INTRODUÇÃO

Autoria. O prefácio indica que o autor da Epístola de Tiago foi **Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo**. Mas quem era esse Tiago? Dos inúmeros indivíduos que tinham esse nome no Novo Testamento, só dois foram apresentados como possíveis autores desta epístola – Tiago, filho de Zebedeu, e Tiago, o irmão do Senhor. O primeiro é um candidato improvável. Sofreu o martírio em 44 A.D., e não há nenhuma evidência de que ocupasse posição de liderança na igreja, que lhe desse a autoridade de escrever esta carta geral. Embora Isidoro de Sevilha e Dante achassem que ele foi o autor do livro, esta identidade não tem sido largamente aceita em nenhum período da igreja. A opinião tradicional identifica o autor como sendo Tiago, o irmão do Senhor. A semelhança da linguagem da epístola com as palavras de Tiago em Atos 15, a forte dependência do escritor da tradição judia, e a consistência do conteúdo de sua carta com as notícias históricas que o Novo Testamento dá em relação a Tiago, o irmão do Senhor, tudo tende a apoiar a autoria tradicional.

Data e Lugar. Muitas são as opiniões prevaletentes sobre a data de Tiago. Aqueles que aceitam a autoria tradicional costumam datá-la entre o meio dos anos quarenta e o começo de sessenta (exatamente antes da morte de Tiago). Já foi datada tardiamente, como 150 A.D., por aqueles que defendem a teoria do "Tiago desconhecido" ou de um pseudônimo.

Embora não possamos ser dogmáticos a respeito da época em que foi escrita, um número de fatores apontam para uma data mais precoce. As condições sociais reveladas na epístola, especialmente a separação

aguda existente entre os ricos e os pobres, sugere uma data antes da destruição de Jerusalém. A escatologia revelada também aponta para uma data precoce. A expectativa da volta do Senhor aumenta de intensidade com o que foi encontrado em I e II Tessalonicenses. Não há nenhuma sugestão de uma crença em uma volta ainda distante, tal como encontramos nos últimos livros do Novo Testamento; e não há nenhuma visão apocalíptica ou evoluções semelhantes, como as que encontramos na literatura apocalíptica mais tardia. Os leitores de Tiago viviam na expectativa ativa e poderosa da iminente volta de Cristo. Nada existe na literatura cristã do segundo século que possa se igualar aos ensinamentos escatológicos simples e poderosos desta epístola.

A passagem mais difícil para datar o livro é a famosa passagem que fala da fé e das obras (Tg. 2:14-26). Para entender estes versículos o leitor deve se familiarizar com certas fórmulas paulinas; por isso é difícil crer que o autor de 2:14-26 estivesse refutando Paulo. Isto envolveria uma quase inconcebível má interpretação da doutrina paulina da justificação pela fé. A passagem se explica melhor como ocasionada por uma má interpretação de Paulo, não da parte do autor da epístola, mas da parte dos seus leitores. Tal má interpretação teria mais provavelmente surgido bem no início do ministério de pregação pública de Paulo. De acordo com o livro de Atos, a primeira pregação pública mais extensa de Paulo aconteceu em Antioquia (Atos 11:26). O ministério de um ano aconteceu antes da visita por ocasião da fome em Jerusalém em cerca de 46 (cons. Atos 11:27-29; Gl. 2:1-10) e a perseguição herodiana em 44. Quanto tempo se passou até que a má interpretação e a aplicação errônea da doutrina da justificação pela fé apresentada por Paulo chamasse a atenção de Tiago, não sabemos. À vista do fato dos judeus, cristãos e não cristãos, de todo o mundo mediterrâneo, estarem constantemente se movimentando para Jerusalém e fora dela, provavelmente não foi muito tempo depois. Uma data em cerca de 44 para a epístola, durante ou imediatamente a perseguição herodiana, se encaixaria melhor em todos os fatores conhecidos.

Embora um número de sugestões opostas tenham sido apresentadas de vez em quando, poucas são as dúvidas de que Tiago a escreveu na Palestina. Especialmente pelo colorido sugerido, o escritor indica que ele é um palestino (cons. 1:10, 11; 3:11, 12; 5:7).

Os Destinatários da Carta. A única indicação direta no livro que possivelmente sugere quem foram os leitores encontra-se no prefácio: **Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se encontram na dispersão, saudações.** Tradicionalmente a frase, **às doze tribos**, era usada para indicar toda a nação judia (cons. o Eclesiástico extra canônico 44:23; A Assunção de Moisés 2:4, 5; Baruque 1:2; 62:5; 63:3; 64:3; 77:2; 78:4; 84:3; também veja Atos 26:7). Mas considerando que toda a nação judia, por mais espalhada que estivesse na Diáspora, não poderia ser considerada como existindo fora da Palestina, parece indicar que o significado da frase é simbólico. Tiago estava escrevendo a toda a igreja, considerada como o Novo Israel (cons. Gl. 3:7-9; 6:16; Fp. 3:3), dispersa por um mundo estranho e hostil (cons. I Pe. 1:1, 17; 2:11; Fp. 3:20; Gl. 4:26; Hb. 12:22; 13:14). São entretanto, muitas as indicações na epístola de que foi dirigida primeiramente aos judeus que eram cristãos. Isto pode constituir mais uma indicação de sua data precoce, uma vez que a única ocasião na história da igreja quando alguém podia se dirigir a toda a igreja falando quase que exclusivamente a judeus, foi antes da primeira missão de Paulo aos gentios - o que aconteceu em cerca de 47.

Conteúdo. A Epístola de Tiago é um pedido em prol do cristianismo vital. Herder captou o teor deste livro quando escreveu: "Que nobre é o homem que fala nesta Epístola! Que incansável paciência no sofrimento! Que grandeza na pobreza! Que alegria na tristeza! Simplicidade, sinceridade, confiança direta na oração! Como ele quer ação! Ação, não palavras . . . não uma fé morta!" (citado por F.W. Farrar em *The Early Days of Christianity*, pág. 324).

No verdadeiro espírito dá literatura da Sabedoria, Tiago maneja muitos e diferentes assuntos. Seus parágrafos curtos e abruptos já foram

comparados a um colar de pérolas - cada um é uma entidade separada em si mesmo. Há algumas transições lógicas, mas em grande parte as transições são abruptas ou nem existem. Este fenômeno torna impossível um esboço no sentido usual. Aqui está, entretanto, uma lista dos assuntos tratados na ordem de sua ocorrência na epístola.

ESBOÇO

- I. Saudação. 1:1.
- II. Provações. 1:2-8.
- III. Pobreza e riqueza. 1:12-18.
- IV. Provação e tentação. 1:12-18.
- V. Recepção da Palavra. 1:19-25.
- VI. Verdadeira religião. 1:26, 27.
- VII. Distinções sociais e "a lei real". 2:1-13.
- VIII. Fé e obras. 2:14-26.
- IX. A língua. 3:1-12.
- X. As duas sabedorias. 3:13-18.
- XI. O mundo e Deus. 4:1-10.
- XII. Julgando. 4:11, 12.
- XIII. Autoconfiança proveniente do pecado. 4:13-17.
- XIV. Julgamento do rico inescrupuloso. 5:1-6.
- XV. Paciência até a volta de Cristo. 5:7-11 .
- XVI. Juramentos. 5:12.
- XVII. Oração. 5:13-18.
- XVIII. Reabilitando o irmão pecador. 5:19, 20.

COMENTÁRIO

Tiago 1

I. Saudação. 1:1.

Tiago chama-se simplesmente de **servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo**. Seus leitores são **as doze tribos que se encontram na**

Dispersão, uma designação simbólica para a igreja cristã considerada como o Novo Israel, com seus membros espalhados pelo mundo, em um ambiente estranho e hostil. Assim Tiago não tem em mente uma simples congregação mas a igreja toda espalhada pelo mundo mediterrâneo. Sua saudação (*kairein*) é a saudação típica encontrada nas cartas gregas e a mesma que foi usada na cana enviada da igreja de Jerusalém que Tiago presidia (Atos 15:23).

II. Provações. 1:2-8.

2. Tiago freqüentemente (pelo menos dezesseis vezes) dirigiu-se aos seus leitores chamando-os de **irmãos**. Ele e seus leitores sentiam-se ligados por uma lealdade comum a Jesus Cristo. Sua primeira palavra é de encorajamento – **tende por motivo de toda a alegria .o passardes por várias provações**. Uma tradução melhor seria, *quando vos enfrentardes com ribas provações*. A palavra *peirasmos* ("provação") tem dois significados. Aqui significa "adversidades externas", quando nos versículos 13, 14 ela significa "impulso intimo para o mal", "tentação".

3. O cristão deve se alegrar *na* provação e não *por causa da* provação. Havia uma grande necessidade nos tempos primitivos da igreja receber o ensinamento ao longo destas linhas, por causa das sucessivas ondas de **perseguição**. O fruto da perseguição é a **perseverança** (*hypomone*), ou melhor, *resistência*. James Moffatt (*The General Epistles*, pág. 9) chama-o de "o poder para suportar a vida".

4. Esta resistência deve ter liberdade de ação (ação completa). É um processo que se desenvolve na vida do cristão, sendo a perfeição o seu alvo (*teleios* traduz-se melhor por *maturidade*). O escritor deveria ter em mente as palavras de nosso Senhor registradas em Mt. 5:48.

5-8. Parece haver uma ligação entre este parágrafo e o precedente. Tiago falava sobre o propósito da provação. Ele antecipa que alguns dos seus leitores dirão que não conseguem descobrir qualquer propósito divino em suas dificuldades. Neste caso, diz ele, devem pedir a Deus que

lhes dê sabedoria, isto é, visão prática da vida (não conhecimento teórico), e Deus atenderá tal pedido **liberalmente**, (*generosamente*), e não os censurará nem os reprovárá. Há, entretanto, uma condição estabelecida. O pedido deve ser feito com fé, em nada duvidando. O homem que vai a Deus com o seu pedido deve estar certo de que quer o que pede. Trago compara um homem que duvida com a **onda do mar, impelida e agitada pelo vento**. Tal homem "não pode esperar nada de Deus" (Phillips). Ele é um **homem de ânimo dobre**, isto é, um homem de fidelidade dividida. Ele faz reservas mentais sobre a oração em si mesma e sobre o que pede de Deus.

III. Pobreza e Riqueza. 1: 9-11.

9. Este parágrafo brota do comentário que Tiago faz sobre a provação. A pobreza é uma adversidade externa. O cristão pobre deve se regozijar em seu novo estado em Jesus Cristo. Este relacionamento deu-lhe verdadeira riqueza. Ele é um herdeiro de Deus e um co-herdeiro com Jesus Cristo!

10,11. Um cristão rico, por outro lado, deve se regozijar "porque em Cristo foi rebaixado a um nível onde 'os enganos das riquezas' (Mc. 4:19) e a ansiedade de amontoá-las e retê-las já não está mais em primeiro lugar e nem mesmo é alvo de considerações relevantes" (R.V.G. Tasker, *The General Epistle of James*, pág. 43). Mais ainda, as riquezas são temporárias. São como a relva verde e suas flores, que logo amarelecem sob o calor do sol da Palestina. *Kauson* (**ardente calor**) foi aqui usado simplesmente falando do calor do sol e não do siroco, o quente vento do deserto que sopra através da Palestina vindo do leste (cons. J.Schneider, TWNT, III, 644).

IV. Provação e Tentação. 1:12-18.

12. A recompensa para a fiel firmeza nas provações foi declarada em termos do presente e do futuro. O homem que se mantém firme é verdadeiramente feliz agora; mas também **receberá a coroa da vida, a**

qual o Senhor prometeu aos que o amam. O genitivo (da vida) está em oposição à coroa. A coroa consiste em vida, um dom para todos aqueles que amam a Deus. Tasker (*op. cit.*, pág. 45) comenta incisivamente que embora nem a nossa fé nem o nosso amor ganhe para nós a vida eterna, é entretanto "um axioma bíblico que Deus tenha abundantes bênçãos reservadas para aqueles que O amam, que guardam os Seus mandamentos e que O servem fielmente a qualquer custo. (cons. Mt. 19:28; I Co. 2:9)".

13. Agora Tiago faz a transição para as provações internas, isto é, as tentações. A palavra **tentação** (E.R.C.) (v. 12) carrega a idéia de seduzir ao pecado. Tiago provavelmente tinha em mente a doutrina judia do *Yetzer ha ra'*, "impulso do mal". Alguns judeus arrazoavam que tendo Deus criado tudo, devia também ter criado o impulso do mal. E considerando que é o impulso do mal que tenta o homem ao pecado, em última análise é Deus, que o criou, o responsável pelo mal. Tiago aqui refuta a idéia. **Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta.**

14. Em vez de acusar Deus pelo mal, o homem deve assumir a responsabilidade pessoal dos seus pecados. É a sua própria **cobiça** que o **atrai** e **seduz**. Estas são, no seu sentido primário, palavras usadas na caça e na pesca que foram empregadas aqui metaforicamente.

15. Quando o desejo do mal se levanta na mente, não pára aí. A **cobiça** dá à luz o pecado, e o pecado produz a morte. "A morte é assim o produto amadurecido ou terminado do pecado" (Moffatt, *op. cit.*, pág. 19). A morte aqui é a morte espiritual em contraste com a vida que Deus dá àqueles **que o amam** (1:12).

16,17. O ponto que o escritor quer explicar é que Deus, em vez de ser a fonte da tentação, como alguns estavam defendendo, é a fonte de todo o bem na experiência dos homens. Tiago estava especialmente desejoso de que seus leitores o percebessem, e por isso dirigiu-se-lhes com ternura, **meus amados irmãos. Pai das luzes** é uma referência à atividade criadora de Deus. Um título desses concedido a Deus não era

desconhecido ao pensamento judeu (cons. SBK, III, 752). Embora haja consideráveis dúvidas quanto à tradução correta da última parte do versículo 17, o significado é bastante claro: Deus é inteiramente consistente; Ele não muda.

18. Aqui o escritor chega ao clímax de sua refutação à idéia de que Deus é o autor da tentação. Ele já demonstrou que tal acusação é contrária à natureza de Deus (1:13) e à Sua consistente bondade (1:17). Agora ele apela para a experiência que seus leitores tem no Evangelho. J. B. Mayor (*The Epistle of St. James*, pág. 62) expõe habilmente o ponto alto deste versículo: "No que se refere a Deus nos tentando para o mal, Sua vontade é a causa de nossa regeneração". Esses cristãos primitivos foram chamados de primícias porque foram a garantia de muitos outros que viriam.

V. Recepção da Palavra. 1:19-25.

19. Há uma conexão possível entre este parágrafo e o precedente. A forte admoestação para que **todo o homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar** pode ser uma referência à acusação que os leitores tinham feito contra Deus. Ou talvez seja simplesmente uma declaração generalizada sobre o ouvir e falar.

20. Quando um cristão dá evasão à ira, fica incapaz de agir com justiça; e além disso, ele não deixa lugar, ou pelo menos atrapalha, à vindicação da justiça divina no mundo.

21. Despojando-vos de toda impureza. Considerando que a Palavra é uma semente, deve ter um bom solo onde possa se desenvolver. "Acabem, então", diz Tiago, "com a impureza e toda sorte de males" (Phillips). **Acúmulo de maldade** talvez seja uma sugestão de que apenas o excesso do mal deve ser abandonado. Entretanto, Tasker considera que acúmulo significa "resto". "Cada cristão convertido traz consigo para sua nova vida, muita coisa que é inconsistente com ela. Isto tem de ser abandonado, para que possa entregar-se mais completamente à obra positiva da recepção **com mansidão a palavra em vós enxertada,**

E.R.C. (Mais corretamente *implantada*, E.R.A.) (*op. cit.*, pág. 51). Esta palavra é **poderosa para salvar as vossas almas**.

22. O Cristianismo é uma religião de ação. Por mais importante que seja o ouvir (cons. 1:19), não se deve parar por aí. O fazer deve seguir-se ao ouvir. Ser apenas ouvinte é uma forma de engano próprio.

23,24. O homem que ouve mas não faz é como uma pessoa que vê o reflexo de seu próprio rosto no espelho. "Ele se vê, é verdade, mas continua fazendo o que fazia sem a menor lembrança do tipo de pessoa que viu no espelho" (Phillips). Os tempos deste versículo são interessantes: **contempla** (aoristo), **se retira** (perfeito), **esquece** (aoristo). "Com o aoristo ele (Tiago) mostra que a impressão foi momentânea, e o esquecimento instantâneo; o imperfeito implica em condição contínua de ausência do espelho" (H. Maynard Smith, *The Epistle of St. James*, pág. 85).

25. O espelho, que revela as imperfeições do homem exterior, foi colocado agora em contraste com a **lei perfeita**, a lei da liberdade, que reflete o homem interior. Esta é a primeira referência à lei na epístola (cons. 2:8-12; 4:11). Tiago usa o termo para indicar o lado ético do Cristianismo, o *didake*, "ensinamentos". Aqui ele chama a lei de perfeita. Compare Sl. 19:7: "A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma". Tiago, na qualidade de judeu, escrevendo a judeus, está deliberadamente atribuindo a *didake* os atributos da lei. Para Tiago ela é perfeita porque Jesus Cristo a tornou perfeita. **Lei da liberdade** provavelmente significa que é uma lei que se aplica àqueles que têm o status da liberdade, não da lei, mas do pecado e do ego, pela palavra da verdade. O homem que olha para esta lei e adquire o hábito de fazer assim (*parameinias*) transforma-se em operoso praticante e encontra a verdadeira felicidade (será bem-aventurado no que realizar).

VI. Verdadeira Religião. 1:26, 27.

26. O autor agora vai do "não ouvir mas fazer" mais generalizado, para o "não simplesmente adorar mas fazer" mais específico. A palavra

religioso (*threskos*) significa "dado às observâncias religiosas". Neste contexto ela se refere à frequência aos cultos e a outras observâncias religiosas, tais como a oração, esmolas e jejum. Um homem que é escrupuloso nestas observâncias, mas fracassa no controle de sua fala na vida diária engana-se a si mesmo, e a sua religião é vã (Moffatt, *fútil*).

27. "Esta não é uma definição de religião, mas uma declaração . . . , do que é melhor do que os atos de adoração exteriores. Tiago não pretendia reduzir a religião à uma pureza negativa de conduta suplementada por visitas de caridade" (James H. Ropes, *The Epistle of St. James*, pág. 182). Uma vez que os órfãos e viúvas não tinham assistência na sociedade antiga, eram exemplos típicos daqueles que precisavam de ajuda. Além da caridade amplificada, a manutenção da pureza pessoal é outro meio pelo qual a verdadeira religião se expressa. O mundo aqui e em 4:4 refere-se à sociedade pagã que se opunha, ou pelo menos ignorava, a Deus.

Tiago 2

VII. Distinções Sociais e "A Lei Real". 2:1-13.

1. A ênfase colocada sobre a importância da conduta continua neste parágrafo. Aqui se aplica à parcialidade. **Meus irmãos** marca a transição para um novo assunto (cons. 1:2,19; 2:14; 3:1; 5:1). A E.R.A, e E.R.C, traduz corretamente o verbo no imperativo (a outra possibilidade é o indicativo) combinando com a maneira direta de Tiago escrever. Não se sabe ao certo como o genitivo **Senhor Jesus Cristo** qualifica fé. G. Rendall sugere a possibilidade de considerarmos o genitivo como qualitativo, "como se definisse o caráter particular da sua fé em Deus. A fé em Deus que tem por apoio e conteúdo nosso Senhor Jesus Cristo', que é o tipo cristão da fé em Deus" (*The Epistle of St. James and Judaic Christianity*, pág. 46). Entretanto, provavelmente é mais fácil considerar o genitivo como objetivo – "sua fé em nosso Senhor Jesus Cristo". Seja como for, a fé é fé dinâmica, confiança dirigida para o Senhor Jesus Cristo. Nada tem a ver com a idéia posterior de fé como um corpo de

doutrinas a serem cridas. A última parte do versículo diz **Senhor da**, o que não aparece no original. Jesus foi simplesmente chamado de "a glória", uma referência óbvia ao Shekinah (cons. Jo. 1:14; II Co. 4:6; Hb. 1:3). O ponto principal deste versículo é que toma-se inconsistente apegar-se à fé cristã e ao mesmo tempo demonstrar parcialidade.

2. Agora o escritor cita uma ilustração para reforçar a idéia. Um homem rico com **anéis de ouro** e muito bem vestido e um homem **pobre andrajoso** (*maltrapilho*) entram na assembléia (*synagoge*). O uso desta palavra para o lugar de reunião dos cristãos tem dado lugar a muitas conjecturas sobre o autor e leitores da epístola; mas como diz Blackman, "deve-se lembrar que as duas palavras *synagoge* e *ekklesia* são sinônimos aproximados, e pode-se imaginar que *synagoge* e não *ekklesia* é que deve ter se transformado no termo regular para a igreja propriamente dita. Assim é possível que a palavra fosse usada por Tiago aqui como sobrevivência dos tempos quando o seu uso era normal" (*The Epistle of James*, pág. 77). O autor usa *ekklesia* em 5:14.

3. O homem rico recebe tratamento preferencial. Recebe o melhor lugar (*kalos*). Há uma possibilidade de que *kalos* possa ser traduzido para "por favor". Em qualquer um dos casos o rico recebe tratamento especial, enquanto o pobre recebe ordem abrupta para ficar de pé, ou na melhor das hipóteses, assentar-se no chão **abaixo do estrado**, isto é, em um lugar humilde.

4. O verbo traduzido, **não fizestes distinção . . . ?** está na voz passiva e deveria ser traduzido, "vocês não estão impondo linhas divisórias?" A divisão está "entre a profissão e a prática, entre a profissão da igualdade cristã e a deferência prestada à posição e à riqueza" (Richard Knowling, *The Epistle of St. James*, pág. 44). Por meio de tal atitude revelam-se juízes **tomados** (não de) **de perversos pensamentos**, isto é, juízes com falsos valores.

5. Aqueles que concedem tratamento especial ao rico deixam de considerar que **escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para**

serem ricos em fé, e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam.

6. Outro motivo porque é inconsistência mostrar favor especial aos ricos é que foram justamente eles que perseguiram os cristãos. **Tribunais** é uma referência às cortes judias que eram autorizadas e reconhecidas pela lei romana.

7. O ponto alto do argumento de Tiago contra o favorecimento dos ricos é que **blasfemam o bom nome**. Não é o nome de "cristão" que eles blasfemam mas o nome de Jesus Cristo, **o bom nome que sobre vós foi invocado**.

8. A **lei régia** está ligada à declaração de 2:5, onde Tiago lembra seus leitores de que Deus escolheu os pobres para serem os **herdeiros do reino**. A lei régia, então, é para os que pertencem ao reino de Deus. Traduzindo o particípio grego *mentoi* para "realmente", destaca exatamente que Tiago acha que os seus leitores, demonstrando parcialidade para com os ricos, não estão cumprindo esta lei.

9. Pois o amor não faz **acepção de pessoas**. Na verdade, a parcialidade é **pecado**. A **lei** aqui não é a lei do V.T. (embora Lv,19:15 trate da parcialidade), mas o *didake*, todo o espírito daquilo que é contrário à parcialidade.

10. A idéia da solidariedade da lei encontra-se nos escritos rabínicos (cons. SBK, III, 755). Tiago adota esta idéia mas a batiza em Cristo. A. Cadoux escreve: "Tiago olha para a lei, não como se fosse um número de injunções, mas como um relacionamento pessoal. . . não como um exame, onde nove respostas certas garantem a aprovação, apesar da errada, mas como uma amizade, onde cem atos de lealdade não podem ser colocados contra uma traição" (*The Thought of St. James*, pág. 72). Esta idéia está intimamente associada com o conceito cristão da comunhão com Cristo. Transgressão de um preceito da regra cristã de fé é uma brecha no todo, porque interrompe a comunhão com o objeto da fé.

11. A ordem dos dois mandamentos citados (o sétimo antes do sexto) deve-se provavelmente à ordem da LXX no Códex Alexandrino. Se este é o motivo, então interpretações sutis deste versículo ficam excluídas. Ele simplesmente reforça com exemplo específico o que o autor disse através de um princípio geral no versículo anterior.

12. Agora Tiago chega ao resumo de sua exortação. Os crentes devem falar e agir (com referência especial ao comportamento em relação aos pobres) **como aqueles que não de ser julgados pela lei da liberdade**. Há um juízo para o cristão, e será com base no seu relacionamento tom o padrão ético cristão, a lei que liberta os homens, aceita sem compulsão (cons. Rm. 14:10; II Co. 5:10).

13. Este versículo é uma advertência que Deus não mostra misericórdia para com aqueles que não são misericordiosos (cons. Mt. 18:21-35). E, inversamente, **a misericórdia triunfa sobre o juízo**, isto é, o juízo de Deus é impedido por meio de atos de misericórdia.

VIII. Fé e Obras. 2:14 -26.

Esta é a mais conhecida e mais debatida passagem da epístola. Estes versículos, mais do que quaisquer outros, levaram Martinho Lutero a descrever este livro como "urna epístola que não passa de palha". A maior pane das dificuldades na interpretação de 2:14-26 surgiram por não se entender que: 1) Tiago não estava refutando a doutrina paulina da justificação pela fé, mas antes uma perversão dela. 2) Paulo e Tiago usaram as palavras **obras** e **justificação** em sentidos diferentes. Estes serão discutidos no comentário.

14. A resposta que as duas perguntas deste versículo aguardam é um "não!" sonoro. É importante que se note que a fé em discussão é a fé nominal ou espúria. Isto fica claro através de 1) a declaração, **se alguém disser que tem fé**, e 2) o uso do artigo definido com a palavra fé na última cláusula (**Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?**). É apenas uma falsa fé que não resulta em obras e que é incapaz de salvar. Por **obras** Tiago não tem em mente a doutrina judia das obras como meio de

salvação, mas antes obras da fé, o resultado ético da verdadeira piedade e especialmente a "obra do amor" (cons. 2:8).

15,16. Cita-se agora um exemplo. O "mal-vestido" e o faminto é um irmão ou irmã, isto é, um membro da comunidade cristã. O irmão necessitado é despedido com estas palavras vazias, **Ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos**, sem ao menos levantar a mão para atender às suas urgentes necessidades. Tiago pergunta com indignação: "De que adianta isso?" (Phillips). O movimento do singular para o plural (vós) pode indicar que "Tiago considera todos os membros da irmandade responsáveis por essas observações insensíveis ainda que uma só pessoa as tenha pronunciado" (Tasker, *op. cit.*, pág. 64).

17. A fé sob discussão, que não é fé afinal de contas, além de ser inútil e inaceitável, é **morta**. A fé que não se preocupa, através de participação ativa, com as necessidades dos outros não é fé nenhuma.

18. As dificuldades neste versículo surgem do fato de o manuscrito grego antigo não conter sinais de pontuação. Apresenta-se o objetante com **mas alguém dirá**, uma forma muitas vezes encontrada em sermões pregados nas antigas sinagogas (cons. A. Marmorstein, "The Background of the Haggadah" *Hebrew Union College Annual*, VI (1929), pág. 192). Quantas palavras do versículo devem ser consideradas como parte da objeção fica em aberto, mas provavelmente é melhor apenas incluir, **Tu tens fé e eu tenho obras**. Tiago refuta esta tentativa de separar a fé e as obras com o desafio: **Mostra-me essa tua fé sem as obras**. Certamente ele crê que isto é impossível.

19. Crença na unidade de Deus (**que Deus é um só**) era artigo fundamental do credo dos judeus. Tiago assegura que tal crença é boa. Entretanto, se tal crença estiver carente de feitos, não ultrapassa a fé dos demônios. Eles, também, são monoteístas, mas isto apenas os faz estremecer (**tremem**), presumivelmente à vista do juízo de Deus (cons. Mc. 5:7; Mt. 8:29).

20. Tiago atinge um novo ponto em sua argumentação com as palavras, **Queres . . . ficar certo**. Agora ele está pronto a acrescentar

argumentos escriturísticos para apoiar seu exemplo de fé operante. Moffatt traduz *ó homem vão* (E.R.C.) mais incisivamente, *Você, sujeito insensato*. A E.R.A. segue a tradução **inoperante** em vez de **morta** da E.R.C., e com razão, porque a última é o resultado da harmonização com 2:26. *Arge (inoperante)* neste contexto, provavelmente seria melhor compreendida como significando "que não produz salvação".

21. O exemplo escriturístico apresentado é **o nosso pai Abraão**. Que ele foi considerado o antepassado de todos os cristãos verdadeiros está claro em Gl. 3:6-29. O uso da palavra **justificado** aqui não deve ser confundido com o uso que Paulo faz do termo em relação a Abraão (cons. Rm. 4:1-5). Paulo aponta para a justificação inicial de Abraão quando ele "creu em Deus, e isto lhe foi imputado por justiça" (cons. Gn. 15:6). Tiago está se referindo a um acontecimento que teve lugar muitos anos mais tarde, quando Abraão foi instruído a oferecer o seu filho Isaque. Através desse ato ele demonstra a realidade da experiência de Gênesis 15.

22. A vida de Abraão assim exemplifica notavelmente a impossibilidade de separar a fé das obras, ou vice-versa (cons. 2:18). No seu caso as duas andam de mãos dadas. As obras produzem o aperfeiçoamento da fé.

23. No ato de obediência de Abraão **se cumpriu a Escritura** (Gn. 15:6). **Amigo de Deus** era um título geralmente aplicado a Abraão (cons. Is. 41:8; II Cr. 20:7; também o extra-canônico dos Jubileus 19:9; 30:20; Testamento de Abraão, diversos lugares).

24. Este versículo é a resposta conclusiva à pergunta do versículo 14. Uma fé estéril, improdutiva, não pode salvar um homem. A verdadeira fé há de se demonstrar nas obras, e só uma fé assim produz justificação.

25. O segundo exemplo escriturístico de Tiago contrasta notavelmente com Abraão. **Raabe** era mulher, gentia e prostituta. Foi escolhida para mostrar que o argumento de Tiago abrangia uma vasta escala de possibilidades (por isso o uso de *kai* com *he porne*, "mesmo

sendo prostituta"). Ela, tal como Abraão, evidenciou sua justificação através da ação (cons. Js. 2:1-21).

26. A declaração que conclui os ensinamentos de 2:14-26 mostra que a relação entre a fé e as obras é tão íntima quanto a do corpo como espírito. A vida é o resultado da união em ambos os exemplos. Quando os dois elementos estão separados, resulta a morte. "A fé falsa é virtualmente um cadáver" (F. J.A. Hort, *The Epistle of St. James*, pág. 45).

Tiago 3

IX. A Língua. 3:1-12.

1. A questão do falar é um dos assuntos de mais destaque neste livro (cons. 1:19, 26; 4:11, 12; 5:12). Esta, entretanto, é a passagem clássica, e está endereçada aos **mestres**. Primeiro Tiago adverte seus leitores de que não devem ficar muito ansiosos para ensinarem, por causa da responsabilidade que envolve.

2. Considerando que o mestre usa palavras constantemente, esta é uma área especialmente perigosa para ele. **Troçamos em muitas coisas**, mas os erros mais difíceis de evitarmos são aqueles que envolvem a língua. Assim, o homem que consegue controlar a sua língua é cognominado de **perfeito varão**. Tendo domado o membro mais rebelde, ele é **capaz de refrear também todo o seu corpo**.

3. "O mesmo acontece com os homens e os cavalos: controle-se suas bocas e vocês serão senhores de toda sua ação" (Ropes, *op. cit.*, pág. 229). Davi, no Sl. 39:1, usa a figura de um freio em relação ao controle da fala.

4. Esta outra ilustração aponta para o poder da língua. Ela é como um pequeno **leme** que controla um grande navio. O que a frase, e **batidos de rijos ventos**, quer dizer não está muito claro a não ser que o e seja interpretado como "mesmo quando". Então o significado seria que o leme vira o navio mesmo durante as tempestades ferozes.

5. Do poder de governar ou controlar a língua, o autor agora passa para o seu poder destrutivo. Ela pode ser **um pequeno órgão, mas vangloria-se de grandes coisas**. E a sua glória tem razão de ser! Uma pequena fagulha pode incendiar toda uma floresta.

6. Tasker (*op. cit.*, pág. 76) considera **mundo de iniquidade** como significando "todas as características más de um mundo decaído, sua cobiça, sua idolatria, sua blasfêmia, sua concupiscência e sua avareza voraz". Tudo isto encontra expressão através da língua, e conseqüentemente **contamina o corpo inteiro**. A língua também **põe em chamas toda a carreira da existência humana**. Hort diz que esta é uma das mais difíceis frases da Bíblia. Embora a frase provavelmente seja técnica, com sua origem fora da Palestina, Tiago a usa aqui em um sentido não técnico, significando "toda a existência humana". Este tremendo poder para o mal possuído pela língua vem diretamente do **inferno** (*Geena*).

7,8. A ordem de Deus ao homem (Gn. 1:26) para dominar os peixes do mar, etc. tem sido executada com sucesso, **a língua porém, nenhum dos homens é capaz de domar**. Mas é claro que Deus pode domá-la! **É um mal incontido**. Embora **carregado de veneno mortífero** o Senhor a tem controlado nas vidas de muitos, resultando em grandes bênçãos para a humanidade.

9,10. A língua também é inconsistente. Ela é usada para realizar seus mais altos propósitos, isto é, para bendizer a Deus, mas também é usada para maldizer os homens. Tal inconsistência, especialmente no caso dos cristãos (**meus irmãos**), **não é conveniente que estas coisas sejam assim**.

11,12. As ilustrações da fonte e da figueira mostram que "tal incongruência de comportamento é uma revolta contra a natureza, onde tudo prossegue ordenadamente no seu curso para o bem ou para o mal" (B.S. Easton, *The Epistle of James*, pág. 48).

X. As Duas Sabedorias. 3:13-18.

13. Embora toda a Epístola de Tiago seja uma literatura sobre a Sabedoria, esta (*sophia*) só foi expressamente mencionada nesta passagem e em 1:5. É importante que a idéia judia (não grega) sobre a sabedoria seja mantida em mente. Hort define a sabedoria em Tiago como "a capacitação do coração e mente necessária para uma conduta justa" (*op. cit.*, pág. 7). **Sábio** (*sophos*) é o termo técnico para mestre, e **entendido** (*epistemon*) para o conhecimento especial. Através do **condigno proceder o sábio** deve demonstrar **em mansidão de sabedoria suas obras...** O orgulho do conhecimento sempre tem sido o pecado costumeiro dos mestres profissionais.

14. O orgulho do conhecimento no caso dos leitores de Tiago deu vazão à **inveja amargurada** e *ambição egoísta*, que resultou na vanglória (**nem vos glorieis**), sendo assim **contra a verdade**. O autor não quer dizer aqui que os mestres estivessem se apartando da doutrina ortodoxa, mas antes que pela sua vida inconsistente eles estavam mentindo contra a verdade do Evangelho.

15. Esta "falsa" sabedoria está caracterizada não como **a sabedoria que desce lá do alto**, isto é, não tem a sua origem em Deus (cons. 1:5). Pelo contrário é **terrena, animal e demoníaca**. "Estas três palavras. . . descrevem a falsa sabedoria, que não tem origem divina, numa seqüência crescente – pertence à terra, não ao mundo de cima; à mera natureza, não ao espírito; e aos espíritos hostis do mal e não de Deus" (Ropes, *op. cit.*, pág. 248).

16. A conjunção **pois** indica que o que vem a seguir é a prova do que se acabou de dizer. Falsa sabedoria produz **confusão (perturbação, E.R.C.)** – provavelmente uma referência a discussões na igreja – e **toda espécie de cousas ruins**. Deus não é um Deus de confusão (I Co. 14:33), nem simpatizante do mal (I Jo. 1:5). Portanto, uma "sabedoria" que provoca uma situação como essa não pode vir de Deus.

17. Em contraste fica **a sabedoria lá do alto**. É o dom de Deus; é sabedoria prática, sabedoria que preserva a unidade e a paz. Por causa

dos seus atributos – **pura, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento** – alguns comentadores concluíram que a sabedoria aqui é na realidade Cristo. À luz da antiga identificação de Cristo com a Sabedoria de Deus, não parece ser impossível.

18. O fruto da justiça provavelmente significa "o fruto que é a justiça". A declaração então faz um contraste com 1: 20: A ira do homem não produz a justiça de Deus. Esta última é adquirida pelos pacificadores que semeiam a paz.

Tiago 4

XI. O Mundo e Deus. 4:1-10.

1. Guerras e contendas foram sugeridas em contraste com a paz do versículo precedente. Tiago tinha em mente não as guerras entre as nações mas as discussões e divisões entre os cristãos. A fonte destas encontra-se em vossos deleites (*hêdonôn*, que realmente significa prazeres E.R.A.) que nos vossos membros guerreiam (E.R.C.).

2. *Vocês querem e não têm; então vocês matam. E vocês cobiçam e não conseguem obter; então vocês lutam e travam guerras.* Não é necessário amenizar ou corrigir a tradução **matais**. Ropes tem razão quando diz: "Tiago não está descrevendo a condição de alguma comunidade em especial, mas está analisando o insultado da escolha dos prazeres em lugar de Deus" (*op. cit.*, pág. 255). Assim a força é quase condicional, "Se vocês desejam . . . Se vocês cobiçam..." Um dos motivos porque seus desejos (neste caso, os legítimos) não estavam se realizando era porque não pediam a Deus, que é o único que pode satisfazer os desejos humanos.

3. O segundo motivo se encontra na motivação inaceitável daqueles que pedem – **para esbanjardes em vossos prazeres**. A condição essencial de toda oração se encontra em I Jo. 5:14: "Se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve."

4. Adúlteros da E.R.C, não se encontra nos melhores manuscritos e por isso deve ser omitido. O fato de Tiago se dirigir a seus leitores chamando-os de **adúlteras** (E.R.C.), à moda dos profetas do V.T, que falavam de Israel como sendo a esposa de Jeová (cons. Is. 54:5; Jr. 3:20; Ez. 16:23; Os. 9:1, etc.), é forte evidência de que o autor era judeu e os leitores também. Manter **a amizade** com o **mundo** é "ter boas relações com pessoas, poderes e coisas que são pelo menos indiferentes para com Deus, caso não sejam abertamente hostis" (Ropes, *op. cit.*, pág. 260), e assim é estar em *inimizade contra Deus*.

5. Uma outra razão porque um cristão não pode ser amigo do mundo está nas Escrituras. Há um grupo de possíveis traduções para as palavras que se seguem, mas acompanhando o contexto de uma determinada tradução, Deus e não o **Espírito** é o sujeito do verbo: *Ele se entenece com ciúmes pelo Espírito que colocou em nós para habitar*. Deus é um Deus zeloso (cons. Êx. 20:5 ; 34:14; Dt. 32:16; Zc. 8:2; I Co. 10:22), e portanto não há de tolerar uma fidelidade dividida. Nenhuma passagem específica do V.T, contém as palavras deste versículo, mas muitas passagens expressam sentimento semelhante.

6. As dificuldades em se viver para Deus dedicadamente num mundo mau são muitas, mas Ele **dá maior graça**, a qual aqui parece significar "ajuda gratuita". E essa ajuda gratuita Deus põe à disposição, como diz Pv. 3:34, não para os **soberbos**, pessoas auto-suficientes, mas para os **humildes**, homens dependentes.

7. A chamada **sujeitai-vos, portanto, a Deus** (o primeiro dos oito imperativos imediatos) segue-se logicamente à promessa da graça para os humildes. Calvino observa inteligentemente: "Submissão é mais do que obediência; ela envolve humildade". O diabo, inimigo de Deus, deve ser enfrentado com resistência e, então, **ele fugirá de vós** (cons. Mt. 4:1-11). Estes são dois importantes passos na fuga ao pecado do mundanismo.

8. Os imperativos continuam com **chegai-vos a Deus**. Comunhão íntima com Deus assegura Sua amizade (**e ele se chegará a vós**) e aparta

do mundo. Que o mundanismo é pecado está pitorescamente comprovado pelos imperativos seguintes: **Purificai as mãos**, uma referência à conduta visível; **limpai o coração**, uma referência às motivações do íntimo. Um homem de **ânimo dobre** se caracteriza pela lealdade dividida. E de acordo com esta passagem, o mundanismo é, basicamente, lealdade dividida. O famoso ensaio de Kierkegaard, "Pureza de Coração é Desejar uma Só Coisa", teve origem neste versículo.

9. Aqui está um chamado ao arrependimento diante do pecado grave. **Afligi-vos**, isto é, "sintam-se miseráveis" (cons. Rm. 7:24), **lamentai e chorai**. Estas atitudes são mais condizentes do que o **riso** e a **alegria** (isto é, frivolidade e a leviandade do mundo) à vista das circunstâncias. **Tristeza** (melancolia) "é a expressão abatida e mansa daqueles que estão envergonhados e arrependidos" (Moffatt, *op. cit.*, pág. 64).

10. Tiago retorna à sua exortação inicial na série (4:7) com as palavras, **humilhai-vos**. A promessa se emparelha com elas, e **ele vos exaltar**á.

XII. Julgando. 4:11, 12.

11. Novamente o autor volta ao assunto do abuso da linguagem. Nesta passagem parece que os interesses do irmão e da lei se identificam. Falar mal do irmão ou julgá-lo é falar contra a lei e tomar-se juiz da lei.

12. Superioridade à lei pertence a Deus somente. Ele é o **Legislador** e **Juiz**, e nas mãos dEle estão as questões da vida e morte. À vista disto, Tiago pergunta, **quem és, que julgas ao próximo?**

XIII. Autoconfiança pecaminosa. 4:13-17.

13. A atitude dos negociantes aqui descritos é outra expressão do mundanismo que produz o afastamento de Deus. Os mascates mencionados eram judeus que tinham um comércio lucrativo por todo o mundo mediterrâneo. São descritos fazendo planos cuidadosos para suas

empreitadas comerciais e declarando: **Hoje, ou amanhã, iremos para a cidade tal**, etc.

14. Nada há de mau em tal planejamento propriamente dito. Entretanto, os planejadores ignoravam dois pontos. O primeiro é a limitação dos seres humanos, o que limita seu conhecimento – **não sabeis o que sucederá amanhã**. O segundo é a incerteza da vida, a qual Tiago compara à neblina, ou à fumaça.

15. Um homem cristão, ao fazer os seus planos, deve reconhecer a sua dependência de Deus e dizer, *Deo volente, se o Senhor quiser*.

16. Mas o reconhecimento da dependência de Deus não era o caso entre os leitores de Tiago. Antes, eles se gloriavam presunçosamente (**vos jactais das vossas arrogantes pretensões**). Tiago denuncia a gabolice como um mal.

17. Uma advertência final para os negociantes autoconfiantes. Eram cristãos. Portanto sabiam que a humildade e dependência de Deus são essenciais na vida cristã. Saber e não fazer, *é pecado*.

Tiago 5

XIV. Julgamento dos Ricos Inescrupulosos. 5:1-6.

1. Os **ricos** aqui mencionados não são cristãos, mas, apesar disso, a advertência se aplica a todos os homens, inclusive cristãos. Tiago é consistente com os ensinamentos do N.T. em geral em atacar os ricos não apenas porque são ricos, mas porque fracassaram em sua mordomia. O *chorar* e *prantear* não são sinais de arrependimento mas expressões de remorso em face do juízo.

2. Ambos os verbos deste versículo e o primeiro verbo do versículo seguinte estão no tempo perfeito. Ropes os descreve habilmente como "declarações pitorescas e figurativas da verdadeira inutilidade desta riqueza à vista daquele que conhece o valor do que é permanente e eterno" (*op. cit.*, pág. 284). A riqueza deve ser usada para bons propósitos, não entesourada.

3. A ferrugem da riqueza acumulada será uma testemunha contra os ricos, porque Deus quer que a riqueza seja usada para o bem da humanidade. Ela também destruirá os próprios ricos – **há de devorar, como fogo, as vossas carnes**. A frase, **para os últimos dias** (E.R.C.) provavelmente deveria ser mudada para **nos últimos dias** (E.R.A.). Ela aponta para o fato que, embora os ricos não o percebam, os últimos dias já chegaram.

4. Outro pecado dos homens ricos era o defraudar cruel dos pobres lavradores. Esta atitude era particularmente séria porque era explicitamente contrária à lei de Moisés (cons. Dt. 24:14, 15). Deus, que aqui é chamado de **Senhor dos exércitos**, um título que sugere Sua onipotência soberana, não ficava desatento diante desta injustiça. Seus ouvidos estavam abertos aos gritos dos pobres trabalhadores.

5. O terceiro pecado dos ricos era o seu luxo e prazeres. Vida extravagante não passava de uma engorda para o **dia de matança**. Esta frase foi extraída de Jeremias (12:3). No período intertestamentário (cons. I Enoque 94:9) assumiu um significado escatológico, e nesta passagem foi usado com referência ao dia do juízo.

6. O homem **justo** não é Jesus mas o pobre (generalizadamente), que foi tratado sem misericórdia pelos ricos. Moffatt (*op. cit.*, pág. 70) indica que a palavra **matado** tinha um significado mais amplo, na ética judia, do que tem agora. Particularmente relevantes são as declarações do Eclesiástico apócrifo 34:21, 22: "O pão do necessitado é a vida do pobre; qualquer um que os priva dele é um homem de sangue. Privar o próximo do seu ganha-pão é assassiná-lo; deixar de pagar o salário a um empregado é derramar sangue". Aqui a referência em Tiago foi feita provavelmente aos "homicidas judiciais", uma vez que a declaração começa dizendo **condenado**. Pessoas pobres são arrastadas para os tribunais (cons. Tg. 2:6) e nada podem fazer para se defender. Ficam completamente à mercê dos ricos inescrupulosos. Apesar de todos esses maus tratos, o pobre não resiste.

XV. Paciência até a Volta de Cristo. 5:7-11.

7. Tiago agora deixa de lado o fardo mau e passa a aconselhar o pobre oprimido. Suas instruções são no sentido do pobre suportar com paciência sua situação econômica e social à vista da iminente volta, do Senhor. Não há nenhuma sugestão aqui de subversão. Como exemplo de alguém que deve exercitar a paciência, Tiago cita o caso do lavrador que espera o **precioso fruto da terra**. Na Palestina, **as primeiras . . . chuvas** (outubro/novembro) vinha depois da sementeira e **as últimas chuvas** (abril/maio) quando os campos já estavam amadurecendo. Ambas eram de suma importância para o sucesso da colheita.

8. Do mesmo modo o cristão, diz Tiago, não deve perder a paciência diante das adversidades, mas deve estabelecer firmemente o seu coração à vista do fato de que **a vinda do Senhor está próxima**.

9. As adversidades causam tensões, e estas se expressam nos relacionamentos humanos. Por isso Tiago adverte, **não vos queixeis uns dos outros**. Tal atitude os coloca em perigo de julgamento, e o juiz está às portas dos pobres.

10,11. Além dos lavradores, também, os profetas são citados como exemplos de **sofrimento e paciência**. É estranho que o exemplo de Cristo não fosse aqui citado como em I Pé. 2:21-23. Jó era tradicionalmente considerado um profeta, e aqui foi explicitamente citado como um exemplo de perseverança. Este é o único lugar do N.T., onde Jó foi mencionado. O ponto principal da ilustração de Jó é que "a paciente perseverança mantém-se sobre a convicção de que as dificuldades não são sem significado, mas que Deus tem alguma finalidade e propósito nelas, o que Ele há de realizar..." (Moffatt, *op. cit.*, pág. 74).

XVI. Juramentos. 5:12.

12. Duvidamos que este versículo tenha alguma ligação com o precedente. **Acima de tudo** é, provavelmente, uma hipérbole para o bem da ênfase. O assunto em discussão não é a irreverência, mas a

honestidade. Easton faz uma paráfrase do versículo: "Abstenham-se de todos os juramentos, pois eles enfraquecem o senso de obrigação do homem de falar a verdade em todas as ocasiões; habituem-se a um simples "sim" ou "não" (op. cit., pág. 69).

XVII. Oração. 5:13-18.

13. Sofrendo (sujeito a calamidade de qualquer tipo). A aflição exige oração; um coração alegre, louvor. **Cante louvores.** A tradução *salmos* é demasiado limitada para *psalleteo*.

14. Em caso de séria enfermidade, Tiago aconselha, que os presbíteros (uma referência a oficiais definidos) da igreja deveriam ser chamados. Suas orações deveriam ser acompanhadas da unção **com óleo em nome do Senhor.** Em alguns casos o azeite tem valor terapêutico, mas na maioria dos casos o seu uso deve ser antes compreendido como um socorro à fé.

15. Está claro neste versículo que não é o azeite que cura o doente, mas antes o Senhor é que o levanta em resposta da **oração da fé.** Isto não é uma sugestão de que Deus sempre atende a oração do crente. Toda oração, inclusive a oração pela cura, fica sujeita à vontade de Deus. Às vezes, é claro que não é sempre, a doença é o resultado do pecado pessoal. Talvez isto é o que se quis dizer com **se houver cometido pecados.** De qualquer maneira, o doente tem a certeza do perdão dos pecados.

16. A oração, para ser mais eficaz, deve ser inteligente. Por isso encontramos a exortação, **confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros.** Isto não quer dizer que os cristãos devem entregar-se a confissões públicas indiscriminadas ou mesmo particulares. E certamente a passagem nada tem a ver com as confissões secretas feitas a um sacerdote. Os crentes devem confessar suas faltas apenas para que possam orar **uns pelos outros.** Não tem havido unanimidade quanto à tradução da última parte deste versículo, mas o significado é claro: um homem bom tem grande poder em suas orações.

17. O exemplo é Elias, **homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos.** Suas orações provocaram a seca e acabaram com ela. Tiago parece ter extraído o exemplo de alguma outra fonte que não o V.T., uma vez que as orações de Elias quanto à seca e o seu fim não são mencionadas na narrativa do V.T. A duração da seca por três anos e meio também não se encontra no V.T.

XVIII. Regenerando o Irmão Pecador. 5:19, 20.

19. A declaração, **Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade,** e as duas referências a sua regeneração, parecem indicar claramente que o homem em questão é um cristão.

20. Converte não é o termo exato. Se um cristão vê que o seu irmão abandonou as doutrinas da fé cristã e as responsabilidades morais que delas brotam, e tem a possibilidade de trazê-lo de volta para a comunhão com Cristo e Sua Igreja, as conseqüências são duplas: 1) **salvará da morte a alma dele** (a do pecador), e 2) **cobrirá multidão de pecados.** Uma vez que o N.T. ensina a segurança do crente em Cristo, é melhor aceitar a referência feita à morte como sendo a morte física. A igreja primitiva cria e ensinava que a persistência no pecado pode causar a morte física prematura (cons. I Co. 11:30). Os pecados cobertos não são os do reconciliador (isto sugere a doutrina judia que as boas obras contrabalançam as más) mas do desviado. Eles ficam cobertos diante de Deus, que é apenas outra maneira de dizer que foram perdoados.